

A conexão entre Tia Surica e a gastronomia é cantada em prosa e verso. Sua feijoada, servida tradicionalmente no Cafófo da Surica, em Oswaldo Cruz, e, ocasionalmente, em eventos realizados no Teatro Rival Petrobras, foi reconhecida como Patrimônio Histórico e Cultural do Estado do Rio de Janeiro. O espaço, que já recebeu personalidades como o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, está atualmente em processo de reforma para melhor acomodar as rodas de samba que se tornaram referência na região, um espaço de música, culinária e resistência cultural.

Nascida em 17 de novembro de 1939, Tia Surica completa 85 anos nesta segunda-feira (17) com uma energia que desafia o tempo. Sua história com a Portela começou na infância e se consolidou ao longo de seis décadas de dedicação e amor à escola. Em 1966, ela escreveu um capítulo fundamental na história do carnaval carioca ao se tornar a primeira mulher a interpretar um samba-enredo na avenida. O samba “Memórias de Um Sargento de Milícias”, de Paulinho da Viola, ganharia uma interpretação histórica. “A potente voz da Jovem intérprete Surica empolgava os componentes e o público. Sob fortes aplausos, a bateria, as baianas e os passistas portelenses deixaram a avenida sonhando com mais um campeonato. A apresentação não deixava dúvidas de que a Portela era forte candidata ao título”, descreve a escola em seu site oficial ao comentar a histórica conquista de 1966, cujo verão foi marcado por fortes chuvas que maltrataram toda a cidade.

O feito, que hoje pode parecer natural, representou uma ruptura significativa em um universo tradicionalmente dominado por homens. A ideia veio de Natal, o grande comandante da Portela naqueles tempos. “Eu estava ensaiando com as pastoras e o falecido Natal me chamou: ‘Vem cá, pequena. É você quem vai puxar o nosso samba na avenida’. E eu respondi ‘mas eu, seu Natal? Eu já estou com a roupa da minha ala pronta’. E aí ele disse que com aquela roupa não poderia seria ser porque os jurados iriam achar que me tiraram da ala para puxar o samba. Aí ele falou com o falecido Jaburu que me levou na Seda Moderna para fazer uma nova roupa. E assim fui pra avenida ser campeã com o samba do Paulinho da Viola”, disse a matriarca ao Correio da Manhã.

Tia Surica, que já havia pessado pelas pastoras e a ala das baianas da escola, passou também a ser cantora. Mas sempre avisa que só canta os sambas dos compositores de sua escola de coração. Tal envolvimento com a azul e branco de Oswaldo Cruz a conduziria à Velha Guarda, o



Uma feijoada que já deu muito samba

Cantada em verso e prosa, a feijoada da Tia Surica é um patrimônio da Portela, do Rio e do Brasil

grupo que cultua as tradições portelenses e do qual faz parte desde 1980. “Eu estava morando em São João de Meriti e o Manacéa estava me procurando. Quando nos encontramos, ele me convidou para entrar na Velha Guarda, onde estou até hoje”, recorda.

Décadas depois, em 2022, Tia Surica voltou a fazer história ao assumir a presidência de honra da escola, cargo que ocupou até 2025, sendo novamente a primeira mulher a alcançar essa posição.

A trajetória artística de Tia Surica também é marcada por conquistas tardias que demonstram sua determinação. Ela lançou seu primeiro disco, “Tudo Azul”, em 2003, quando já estava próxima dos 60 anos. O álbum, produzido pelo selo Fina Flor, reuniu composições de mestres da Portela como Monarco e Chico Santana, consolidando seu papel não apenas como intérprete, mas como

guardiã de um repertório que atravessa gerações. Sua discografia solo inclui outros três álbuns sem contar suas gravações com a Velha Guarda e colaborações com Marisa Monte, Zeca Pagodinho, Zélia Duncan, Alcione, Beth Carvalho e Paulinho da Viola.

Protagonismo

Tia Surica representa uma linhagem de mulheres negras que, apesar das adversidades impostas pelo machismo e pelo racismo estrutural, construíram espaços de poder e protagonismo no samba. Impossível não pensar nela sem lembrar das “tias” baianas que, no início do século XX, estabeleceram as bases do que viria a se tornar o samba urbano. E nesses mais de 60 anos de carreira, Tia Surica não apenas cantou e desfilou, mas educou, acolheu e inspirou.

Toda essa história de amor em tons de azul vai ser contada na série “Tia Surica – A

Matriarca do Samba”, um projeto que prevê oito episódios dedicados a explorar sua trajetória, sua relação visceral com a Portela e com a preservação da cultura afro-brasileira. A produção, que se encontra em fase de captação de recursos, promete ser um mergulho profundo na memória viva do samba carioca, registrando depoimentos, imagens históricas e performances que atravessam décadas. Os dois últimos episódios vão registrar uma viagem que a sambista fará a Portugal. “Já me apresentei na França, na Itália e em outros países, mas conhecer Portugal é um sonho que tenho e os sonhos a gente persegue”, ensina.

Aos 85 anos, Tia Surica permanece ativa, participando de eventos culturais e culinários, ensaios e rodas de samba. Sua presença nos barracões da Portela e nas ruas de Oswaldo Cruz e Madureira assegura que a cultura popular segue viva como nunca.